

O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO PANDÊMICO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

The literacy cycle in a pandemic context: possibilities and challenges

Michele Batista das Neves¹
Cosme Batista dos Santos²

Resumo: Este artigo traz uma breve reflexão a respeito das mudanças ocorridas na forma de escolarização durante e pós-período pandêmico da COVID-19, com foco em uma das etapas de grande relevância do ensino fundamental – anos iniciais, a alfabetização. Nesse contexto observaram-se as relações de poder que permearam as decisões no campo educacional, a responsabilidade da aprendizagem compartilhada e quais transformações sociais, políticas e econômicas foram percebidas. O delineamento deste estudo seguiu uma abordagem qualitativa, explorando as conexões e os temas relacionados à alfabetização no Brasil e seus processos. Foram consultadas diversas fontes documentais e bibliográficas, incluindo livros, artigos acadêmicos, decretos federais e políticas educacionais. Verificou-se que os efeitos do isolamento social impactaram não apenas o aumento no número de estudantes não alfabetizados, mas também trouxeram implicações subsequentes, como desinteresse, reprovação, desistência e o agravamento da desigualdade social.

Palavras-chave: Alfabetização; pandemia; ensino.

Abstract: *This article provides a brief reflection on the changes that have occurred in the way schools are taught during and after the COVID-19 pandemic, focusing on one of the most important stages of elementary education – the early years, literacy. In this context, we observed the power relations that permeated decisions in the educational field, the responsibility for shared learning, and the social, political, and economic transformations that were perceived. The design of this study followed a qualitative approach, exploring the connections and themes related to literacy in Brazil and its processes. Several documentary and bibliographic sources were consulted, including books, academic articles, federal decrees, and educational policies. We found that the effects of social isolation impacted not only the increase in the number of illiterate students, but also brought subsequent implications, such as disinterest, failure, dropout, and the worsening of social inequality.*

Keywords: *Literacy; pandemic; teaching.*

¹ Especialista em Psicopedagogia Institucional Clínica e Hospitalar. E-mail: michele.bneves74@gmail.com

² Pós-doutor em Ciência da Informação pela Universidade do Porto. E-mail: cbsantos@uneb.br

1. Introdução

As reflexões apresentadas neste artigo referem-se aos desafios, possibilidades e consequências enfrentadas durante e após o período pandêmico no processo de ensino-aprendizagem do ensino fundamental I – anos iniciais, com foco na alfabetização. Ressalta-se que essa etapa da educação básica exige extremo cuidado e dedicação, pois, se não adequadamente garantida, compromete o desempenho escolar do estudante.

A sociedade foi surpreendida com a pandemia da covid-19, mudando a rotina e a sistemática diária dos estabelecimentos comerciais e atendimento ao público, e nas escolas, não seria diferente. O Governo Federal publicou a medida provisória nº 934, de 1º de abril de 2020 estabelecendo, em seu artigo 1º, a dispensa da obrigatoriedade do cumprimento dos 200 dias de efetivo trabalho escolar na educação básica, desde que mantida a carga horária mínima anual de 800 horas (Brasil, 2020). Tal medida buscou oferecer uma solução emergencial, mas também expôs as fragilidades do sistema educacional diante de situações de crise, levantando questionamentos sobre a qualidade e a equidade do ensino remoto implementado.

Posteriormente no dia 28 de abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) emitiu o Parecer nº 5/2020, com orientações em nível nacional a respeito da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de realização de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, mediadas ou não por tecnologias digitais de informação e comunicação (Brasil, 2020). Nessa perspectiva, essa orientação foi um marco importante para garantir a continuidade do processo educativo em um cenário de isolamento social, embora também tenha revelado profundas desigualdades no acesso às ferramentas digitais, o que impôs grandes desafios à efetiva implementação dessas atividades. Assim, esse parecer demonstrou a necessidade urgente de reflexão sobre a inclusão digital e a igualdade no acesso à educação em tempos de crise.

É relevante destacar que, nessas datas, muitos municípios já estavam articulando medidas para assegurar que os estudantes não ficassem sem orientação escolar. A morosidade por parte do Secretário de Educação foi algo questionável, visto que os meios de comunicação focavam quase exclusivamente na crescente perda de vidas causadas pelo novo vírus e na sua capacidade de destruição. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a gravidade da situação, elevando o coronavírus ao mais alto nível de alerta, conforme a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII). Em 11 de março do mesmo ano, o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom, anunciou que a doença causada pelo vírus havia sido caracterizada como uma pandemia.

Diante do contexto vivido, as instituições escolares, por meio das Secretarias Municipais de Educação, tiveram que agir rapidamente e implementar estratégias para garantir a continuidade do processo de ensino, assegurando que os estudantes fossem devidamente assistidos. No entanto, esse cenário suscitou algumas questões: a aprendizagem foi, de fato, garantida? Qual foi o papel das tecnologias nesse processo? Quais desafios foram evidenciados no processo de alfabetização durante o período de isolamento social?

2. Desafios da alfabetização do Brasil durante a Pandemia

A história da Alfabetização no Brasil é um tema que requer a dedicação de pesquisadores por tratar-se de um dos campos mais significativos da educação. Com isso, faz-se necessário compreender o modelo de estrutura adotada atualmente, englobando a forma de escolarização e a cultura escolar.

Diante disso, no processo de alfabetização, entendendo a dimensão da cultura escolar, Forquim (1992) explana,

A cultura escolar apresenta-se assim como uma cultura segunda com relação à cultura de criação ou de invenção, uma cultura derivada e transposta, subordinada inteiramente a uma função de mediação didática e determinada pelos imperativos que decorrem desta função, como se vê através destes produtos e destes instrumentos característicos constituídos pelos programas e instruções oficiais, manuais e materiais didáticos, temas de deveres e de exercícios, controles, notas, classificações e outras formas propriamente escolares de recompensas e de sanções (Forquim, 1992, p. 33-34).

Nesse sentido, a relação entre os métodos de ensino e as formas de controle (notas, deveres e exercícios) não se limita a determinar o acesso ao conhecimento, mas também molda o comportamento e a percepção dos alunos sobre seu papel dentro da escola. Muitas vezes, a questão não é apenas o aprendizado em si, mas a conformidade com uma estrutura de autoridade que, frequentemente, privilegia a repetição e a obediência, em detrimento da criatividade e da autonomia dos estudantes.

Entretanto, para Julia (2001) a cultura escolar abrange um conjunto de normas e práticas,

Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela schooled society que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se

desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares (Julia, 2001, p. 10-11).

Dentro desse contexto, o campo da alfabetização é confrontado com a implementação do Plano Nacional de Alfabetização (Brasil, 2019), uma iniciativa do Governo Federal. Esse plano propõe concepções teóricas e metodológicas que desconsideram um longo processo histórico de estudos e pesquisas na área, ao introduzir um método (fônico) que já foi amplamente refutado. Tal abordagem não contribui para o desenvolvimento da criticidade dos educandos durante seu processo de alfabetização e letramento. Dessa maneira, este artigo busca problematizar as condições do processo de ensino e aprendizagem durante o período de isolamento social, bem como os impactos desse contexto no ciclo de alfabetização.

A reflexão se ancora na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano (Vygotski, 2012), que considera os ambientes que interagem com as crianças e contribuem para o seu desenvolvimento. O isolamento social imposto pela pandemia trouxe mudanças significativas às rotinas familiares, criando condições inéditas para uma maior interação entre pais e filhos. Esse tempo adicional de convivência possibilitou uma aproximação mais estreita, mas também impôs desafios, especialmente no que tange à relação família-escola. A comunicação entre essas duas esferas se intensificou por meio da criação de grupos de WhatsApp, uma estratégia que ainda perdura como prática institucional nas escolas.

Dessa forma, as demandas escolares, agora sob a orientação direta das famílias, evidenciaram a importância das escolas como instituições fundamentais para o processo educacional. A função social da escola se tornou ainda mais clara durante o isolamento, revelando, ao mesmo tempo, as desigualdades sociais exacerbadas pelo contexto. As estratégias adotadas para o acompanhamento das aulas, como o uso de plataformas digitais e atividades impressas, nem sempre foram viáveis para todos os estudantes.

Além disso, a falta de acesso à internet, a disponibilidade de apenas um aparelho celular na família e a necessidade de priorizar qual filho teria acesso à aula são dificuldades que se mostraram recorrentes, principalmente em famílias de áreas rurais ou distantes das escolas. Nessas localidades, os blocos de atividades impressas chegavam com atraso, e, em alguns casos, não havia tempo hábil para a devolutiva, agravando ainda mais a desigualdade educacional vivida por esses estudantes.

Por outro lado, em meio a toda essa dinâmica, o professor se viu obrigado a se desdobrar entre a gravação de aulas, a devolutiva das atividades, a construção de novos conteúdos, o atendimento aos pais, o conhecimento e a adaptação às plataformas e aplicativos, entre tantas outras demandas, além da constante busca para que o aprendiz não fosse prejudicado diante de todas as adversidades vividas naquele momento. Desse modo, Sousa (2023) relatou que,

No caso do ensino emergencial, a falta de preparo dos professores, de recursos da escola, de uma proposta didática estabelecida para o cumprimento das atividades escolares, dificuldade em utilizar as tecnologias para a gravação de aula, o acesso a rede de internet. Dessa forma os problemas encontrados como infraestrutura, material de apoio, preparação dos professores, a falta de uma rotina de estudos tanto para

os professores quanto para os alunos fez com que esse momento se tornasse ainda mais caótico. O desafio de lidar com as famílias foi outro fator que trouxe grandes dificuldades, as famílias se depararam com a obrigação de separar um tempo para auxiliar seus filhos na realização das atividades. Transformar o ensino presencial em remoto requer formação dos profissionais envolvidos mesmo que de maneira emergencial (Sousa, 2023, p.4).

Assim, salienta-se que alfabetizar é um processo que requer interação, com contribuições que ajudam o aluno a refletir sobre sua prática, permitindo o desenvolvimento de habilidades cognitivas que favoreçam o crescimento e potencializem a compreensão social da leitura e da escrita no contexto da vida social (Cordeiro, 2020).

Sobre essa temática, Verdam e Avelino (2020) destacam que,

A alfabetização e o letramento são ferramentas fundamentais diante do processo de ensino e aprendizagem, utilizada nos espaços escolares principalmente no ensino infantil, ensino fundamental nos anos iniciais, e que não se esgota nos demais ciclos da educação básica (Verdam e Avelino, 2020, p. 78).

A rotina escolar contribui diretamente para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento, por meio de práticas diárias de leitura, do ambiente da sala de aula, da relação entre os estudantes, entre outros aspectos. Nesse contexto, as relações familiares não são desconsideradas, pois a importância do acompanhamento familiar é igualmente colocada como prioridade.

Ademais, é evidente o quão desafiador foi para as famílias o período em que a alfabetização teve que ser realizada de forma remota, com os pais e cuidadores assumindo um papel ainda mais fundamental nesse processo. Contudo, dentro da realidade de cada lar, com diferentes níveis de alfabetização e letramento, sabe-se que os familiares podiam, ou não, oferecer o apoio necessário aos estudantes, dependendo da rotina de cada um. Nesse sentido, outro fator importante é a questão socioemocional de todos os envolvidos nesse processo.

Os dados mais expressivos indicam que 49,7% dos professores consideram que a aprendizagem dos estudantes diminuiu e 53,8% consideraram um aumento do nível de ansiedade e depressão. Um dos aspectos a ser ressaltado é que essa nova realidade exige que professores e alunos tenham acesso a recursos tecnológicos que viabilizem o processo ensino-aprendizagem de forma não presencial. No entanto, estudo feito por Oliveira e Pereira Júnior (2020, p. 731) revela que 2, de cada 3 alunos, não têm acesso a tais recursos e que a parcela de professores que não os possuem é de 17,4%, ao passo que atinge 66,2% entre os estudantes (Nunes, 2021, p. 101).

Além disso, essa ruptura repentina, associada à contaminação por um vírus brutal, levou ao isolamento social e afetou diretamente a condição socioeconômica das famílias, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade social.

No entanto, o acesso às atividades escolares propostas não significou garantia de aprendizagem. Por essa razão, o campo educacional foi uma das áreas mais afetadas, e esse déficit não será recuperado em um curto espaço de tempo. Portanto, são necessárias políticas públicas efetivas que possam intervir com base nas necessidades atuais.

Sabe-se nem todas as crianças contam com apoio em casa e que muitas crianças só tiveram acesso a atividades impressas. A pandemia acabou por agudizar as desigualdades educacionais e dificultar a aprendizagem de muitas crianças. Para muitas crianças, a experiência da pandemia poderá deixar marcas profundas. Nosso papel deverá ser o de apoiá-las, estimulá-las, aliviar o sofrimento e a angústia (Mainardes, 2021, p. 61).

Dentro desse contexto, Queiroz, Souza e De Paula (2021) destacaram em seus estudos que,

A partir dos resultados revelados, podemos inferir sobre algumas fragilidades do ensino remoto que se aguçam e debilitam o processo de aprendizagem de muitos educandos, como as fragilidades nas condições de acesso; a falta de interação escolar e o despreparo pedagógico dos pais/responsáveis. Estes impasses não são exclusivos dos alunos que se encontram no ciclo de alfabetização, mas consta a realidade de muitos alunos em diferentes níveis e modalidades da educação nacional. Entretanto, no ciclo alfabético, a discussão é ainda mais densa por se idealizar neste o vislumbre à construção da leitura e da aquisição e apropriação da escrita, princípios estes necessários ao desenvolver das mais variadas habilidades, capacidades e competências no contexto escolar e extraescolar (Queiroz, Souza e De Paula, 2021, p. 6).

De igual modo, é preciso potencializar a utilização das tecnologias digitais dentro das escolas. O letramento digital faz parte das habilidades que compõem a BNCC, e, por isso, é na escola que esse aporte deve ser oferecido, visto que, durante o período de isolamento social, esse conhecimento foi impossibilitado para muitos estudantes. Nesse sentido, Verdam e Avelino (2020, p. 79) enfatizam que “Com o advento das tecnologias digitais da Comunicação e Informação, o uso dessas ferramentas tem contribuído para a construção do processo de alfabetização e letramento dos alunos nessa fase”.

Assim, mesmo tendo sido um período de muitas adversidades, foi possível observar o apoio que as tecnologias digitais puderam trazer junto à metodologia e à intencionalidade do professor. Foram e são muitas as possibilidades de aprendizagem que puderam ser experienciadas, e agora, de forma presencial, devem continuar acontecendo.

Para Silva (2022), a existência de uma comunicação aberta entre o ambiente escolar e a comunidade é extremamente fundamental para a ocorrência de êxito na educação. O mesmo autor afirma ainda que o papel exercido pelas famílias dos discentes no contexto pandêmico foi importante dentro do processo de ensino-aprendizagem, considerando que ao docente foi dada a responsabilidade de orientar os aprendentes e suas famílias, objetivando apoiar e orientar durante esse percurso, mesmo que de maneira remota.

Sobre o contexto estudado, Lemos e Sarlo (2021) observaram que, durante a pandemia da Covid-19, a saúde mental foi levada ao extremo em muitos casos. Diversas consequências não intencionais surgiram ou surgirão ao longo do tempo. No entanto, essas mudanças repentinas não poderiam ter funcionado de outro modo, principalmente referindo-se à formação contínua e à complexidade relacionada ao cérebro dos adultos, produzindo efeitos adversos. Para crianças e adolescentes, cujos cérebros ainda não estão formados, o impacto é mais grave e complexo.

Portanto, evidencia-se quão desafiador foi o período de isolamento social na aprendizagem, e essa situação é de alerta, de tal forma que a responsabilização precisa acontecer por todos os envolvidos com a educação, para que cada estudante tenha garantido seu direito a uma educação integral e de qualidade.

3. Metodologia

Este estudo foi delineado com uma abordagem qualitativa, focalizando as relações e os aspectos ligados à alfabetização no Brasil e seus processos. Foram examinadas múltiplas fontes documentais e bibliográficas, incluindo livros, artigos acadêmicos, decretos federais oficiais e políticas educacionais.

Nesse sentido, afirma Minayo (2007, p.32) que, “pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc”. Sob essa ótica, Gil (2008, p.47), complementa: “A pesquisa baseia-se no estudo da teoria já publicada, assim é fundamental que o pesquisador se aproprie no domínio da leitura do conhecimento e sistematize todo o material que está sendo analisado”.

Dessa forma, foi realizado o levantamento bibliográfico, com a busca de artigos na base de dados Periódicos da Capes, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações e, principalmente, em revistas científicas. A escolha dessas bases ocorreu devido à ampla diversidade de publicações nas várias áreas do conhecimento, além de serem fontes confiáveis e idôneas. Os termos de busca utilizados foram: “Alfabetização e pandemia”, “Efeitos do isolamento na alfabetização”, “Como alfabetizar em tempo de pandemia” e “Desafios da alfabetização na pandemia”.

Os critérios de inclusão foram: 1) pesquisas publicadas entre 2020 e 2022; 2) publicações em português (Brasil); 3) estudos que tratem do processo de alfabetização no período pandêmico; 4) pesquisas oriundas de estudos empíricos.

Com isso, a primeira etapa da pesquisa consistiu na busca por meio dos descritores. A segunda etapa envolveu a seleção das pesquisas considerando os critérios de inclusão. Posteriormente, as pesquisas selecionadas foram lidas com o objetivo de verificar as ideias explanadas nos trabalhos; nessa etapa, a leitura foi realizada de forma minuciosa, observando os detalhes dos estudos.

4. Resultados e discussão

Com base nos descritores utilizados, foram selecionadas 24 pesquisas, entre monografias, dissertações e artigos, por se adequarem aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Posteriormente, com o intuito de delimitar ainda mais o campo de pesquisa, procedeu-se à leitura dos resumos e das metodologias dos materiais encontrados, resultando em um total de 11 documentos, sendo todos artigos que abordavam a temática em estudo (Tabela 1).

Tabela 1 - Artigos com a temática: Alfabetização e Pandemia COVID 19, publicados entre os anos de 2020 a 2022.

ALFABETIZAÇÃO E PANDEMIA COVID-19 (Ano 2020 a 2022)				
TÍTULO	REVISTA	ANO	LINK	METODOLOGIA
Alfabetização em rede: uma investigação sobre o ensino remoto da alfabetização na pandemia covid-19 - relatório técnico (parcial)	Revista Brasileira de Alfabetização	2020	https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/465	Coleta de dados
Reinventar a prática: alfabetização e letramento na perspectiva discursiva em tempos de isolamento social	Revista Brasileira de Alfabetização	2022	https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/596	Não informada no resumo
o discurso das estatísticas de alfabetização: biopolítica no gerenciamento do risco do analfabetismo infantil provocado pela pandemia de covid-19	Revista da anpoll	2022	https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1790	Análise de discurso
Transição do ensino presencial para o ensino remoto em época de pandemia	Revista de ensino, educação e ciências humanas	2022	https://revistaensinoeducacao.pgs.kroton.com.br/article/view/9038	Grupo focal

Um olhar sobre a alfabetização em tempos de pandemia: concepções e prática pedagógica	Revista de educação, linguagem e literatura	2022	https://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/12469	Estudo de caso
Ensino remoto na pandemia de covid-19: alfabetização em risco na rede municipal de ensino de porto alegre	Revista Teias	2022	https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/60952	Questionário online
Avaliação da aprendizagem em tempos de pandemia: um relato de experiência no ciclo de alfabetização	Revista de instrumentos, modelos e políticas em avaliação educacional	2021	https://revistas.uece.br/index.php/impa/article/view/6844	Relato de experiência
Desempenho de escolares em fase inicial de alfabetização em habilidades cognitivo-linguísticas durante a pandemia	Journal of human growth and development	2020	http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v31n3/pt_14.pdf	Estudo de corte transversal
Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social	Revista Brasileira de Alfabetização	2020	https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/495	Relatos de experiência
Os desafios da alfabetização na pandemia: propostas e soluções encontradas por professoras	Revista Educação Pública	2022	https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/15/os-desafios-da-alfabetizacao-na-pandemia-propostas-e-solucoes-encontradas-por-professoras	Relato de experiência

Limites e possibilidades do ensino remoto da alfabetização: o que dizem as alfabetizadoras no interior do Ceará	Revista Brasileira de Alfabetização	2022	https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/594	Enquete (survey)
---	-------------------------------------	------	---	------------------

- Revista Brasileira de Alfabetização – 4
- Revista da anpoll – 1
- Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas – 1
- Revista de Educação, Linguagem e Literatura – 1
- Revista Teias – 1
- Revista de Instrumentos, Modelos e Políticas em Avaliação Educacional – 1
- Revista Educação Pública – 1
- P@PSIC: Periódicos eletrônicos em psicologia – 1

Após o processo de seleção, foi realizada a leitura dos textos na íntegra para compreender a linha de pensamento dos autores e identificar quais textos dialogavam diretamente entre si. Outro fator relevante foi o conhecimento dos referenciais bibliográficos priorizados nesses estudos. A triangulação central desta escrita trouxe referências dos seguintes textos: “Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social” e “Transição do ensino presencial para o ensino remoto em época de pandemia”.

Dessa maneira, a escolha do tema justifica-se pelo fato de a alfabetização ser uma das etapas mais importantes da vida escolar e, com a crise sanitária enfrentada no país, os estudantes do ciclo de alfabetização terem sofrido maior impacto. Além disso, os efeitos desse processo de isolamento social refletiram no aumento do número de estudantes não alfabetizados, trazendo implicações posteriores como falta de interesse, reprovação, desistência e aumento da desigualdade social. Para a realização desta pesquisa, serviram como base as leituras e estudos de: Antunes (2020), Freire (2003), Bourdieu (2015), Malta (2020), Nunes e Rezende (2021), Verdan e Avelino (2022) e Vieira (2020).

Dessa forma, destaca-se que a alfabetização é a base fundamental para um processo educativo emancipatório, sendo desafiador para o estudante que não conseguiu desenvolver-se na leitura e escrita nos anos subsequentes. Por isso, cabe aos órgãos federativos, estados e municípios, por meio das Secretarias de Educação, implementar políticas públicas que analisem a situação vigente do país frente aos desafios causados pelo isolamento social e pela ineficácia de práticas pedagógicas emergenciais, que muitas vezes foram segregadoras e não atendiam às necessidades dos estudantes em processo de alfabetização.

Apesar de todo o esforço realizado pelos professores, os números são bastante expressivos. Segundo o Ministro da Educação, Camilo Santana, 56,4% dos estudantes do 2º ano do ensino fundamental não estavam alfabetizados, conforme dados publicados em 31 de maio de 2023.

Assim, esses dados são extremamente preocupantes e requerem propostas e investimentos imediatos, para que esse cenário não se acrescente ao número de jovens e adultos não alfabetizados já existentes.

5. Considerações finais

Diante dos resultados obtidos por meio das leituras e da sistematização do estudo, observa-se que o período pandêmico, especialmente para os estudantes em processo de alfabetização no contexto escolar, evidenciou mudanças e reestruturações pelas quais a educação precisou passar para garantir a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem.

Com isso, é necessário refletir que, para muitas crianças, houve um distanciamento ainda maior das práticas escolares. Se presencialmente o ciclo de alfabetização já é desafiador, esse período de ensino remoto trouxe ainda mais limitações devido ao contexto social das famílias de cada estudante. Logo, ficou evidente também uma pandemia da desigualdade social.

Salienta-se que as escolas e as famílias buscaram estratégias para minimizar os problemas enfrentados por aquelas em maior vulnerabilidade, mas, sem a ação efetiva do governo, não houve como mudar esse quadro. Por essa razão, é preciso conhecer as reais necessidades e quem são os estudantes que se encontram nessa situação de analfabetismo. É fundamental um planejamento com ações e investimentos nas escolas e na formação dos professores. Sobretudo, pensar no contexto e no apoio às famílias faz parte desse planejamento. É essencial que a desigualdade social seja combatida para que a população tenha seus direitos garantidos e acesso de forma equitativa a todos os bens materiais e culturais da sociedade.

Desse modo, pensar e agir sobre o processo de alfabetização é comprometer-se com o direcionamento sócio-político de um país, e considerar que ainda há muito a ser feito para que a melhoria efetiva ocorra e possa alcançar a todos.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE-CP Nº 5, de 30 de abril de 2020**, dispõe sobre a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. 2020.

BRASIL. **Decreto Nº 9.765, de 11 de abril de 2019.** Institui a Política Nacional de Alfabetização. 2019. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/71137476/do1e-2019-04-11-decreto-n-9-765-de-11-de-abril-de-2019-71137431. Acesso em 20 fev. 2024.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020.** Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da pandemia da COVID-19. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 1º abr. 2020. Seção 1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Mpv/mpv934.htm. Acesso em: 18 nov. 2023.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O impacto da pandemia na educação: A utilização da tecnologia como ferramenta de ensino.** [S. l], p. 1-25, 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 21 fev 2024

FORQUIN, José. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. Ed. Atlas: 2008.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 9-44, 2001

LEMONS, Leila Maria Rainha; SARLO, Agna Lucia da Silva. Efeitos da alfabetização aplicada no ensino remoto durante a pandemia de covid-19: uma revisão literária. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 2, p. e5981-e5981, 2021.

MAINARDES, Jefferson. Alfabetização em tempos de pandemia. Políticas e práticas de alfabetização: perspectivas autorais e contextuais. In: CONSTANT, E.(org.) : **Fórum Estadual de Alfabetização do Rio de Janeiro** : VW Editora, 2021.

MALTA, Deborah Carvalho et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal, 2020. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 4, 2020.

MINAYO, Maria Cecilia de S.; DESLANDES, Suely Ferreira . **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 25. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.

NUNES, Klívia de Cássia Silva; RESENDE, Valéria Moreira. Apresentação - Perspectivas críticas sobre o direito à educação na Pandemia: reflexões para além da crise sanitária e os desmandos da Política Educacional Brasileira. **Revista Educação e Políticas em Debate**, n.10, v.3, p. 980-987, 2021.

QUEIROZ, Michele de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; PAULA, Genegleisson Queiroz de. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-9, 2021.

SILVA, Polena Valesca Machado e. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 6, n. 1, p. 01-20, 2022.

SOUSA, Keslen Mateus Bento de. A prática de alfabetização na pandemia Covid-19: o que dizem as professoras. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 14, n. 2, p. 302-309, 2023.

VERDAM, Leticia Lauer; AVELINO, Wagner Feitosa. Alfabetização e letramento: no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Principia-Divulgação Científica e Tecnológica do IFPB**, n. 55, p. 77-85, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semiónovich. **La prehistoria del desarrollo del lenguaje escrito**. Obras Escogidas III. Tradução de Lydia Kuper. Madrid: Machado Nuevo Aprendizaje, 2012 t. p. 183-211.